

Melhora classificação do Chile no sistema de crédito americano

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O Chile — junto com a África do Sul — tornou-se o primeiro país do Terceiro Mundo a ser promovido à categoria de risco “fraco” pela International Country Exposure Review Committee (ICERC), a agência intergovernamental dos Estados Unidos que fixa o risco soberano de empréstimos bancários, desde a eclosão da crise da dívida em 1982.

Isso quer dizer que os bancos comerciais não precisam mais fazer provisões contra empréstimos desses dois países. Em compensação a Argentina foi rebaixada e agora está abaixo do Brasil. (Ver matéria abaixo).

As reclassificações da agência são consideradas confidenciais, e um de seus integrantes reiterou a este jornal que o ICERC não pode discutir o tema em público. Um oficial da embajada chilena em Washington não quis tratar do assunto. Mas três grandes bancos credores confirmaram ontem ter recebido a informação oficial sobre a promoção chilena. Este jornal teve acesso a um dos documentos.

A promoção coroa com o que equivale a um retorno ao mercado financeiro, a longa ditadura do general Augusto Pinochet Ugarte, de 74 anos, que assumiu o poder após o golpe que assassinou o presidente socialista Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973. “Eu não iria tão longe para dizer que o Chile voltou ao mercado voluntário”, disse ontem a este jornal um banqueiro nova-iorquino, “mas é quase isso”.

O general escolheu para seu primeiro ministro da Fazenda o economista chileno que então dirigia as pesquisas econômicas do Banco Mundial (BIRD), Jorge Cauas. E desde então, sustentado num banho de sangue, ele transformou o país num palco de experiências para as teorias monetaristas do guru da Universidade de Chicago, Milton Friedman, que acabam de ser sancionadas com a promoção do Chile à lista de países que não são considerados problemáticos.

“Os bancos comerciais proveram um fluxo regular de dinheiro novo”, após a crise financeira de 1982, reconhece o presidente do conselho do First Boston International, Pedro Pablo Kuczinski.

Foi lá que começou o programa de conversão de dívida por investimentos. A estimativa mais recente sugere que o Chile já converteu US\$ 4,6 bilhões de dívida em investimentos em três anos. Mesmo assim, considerando apenas as circunstâncias econômicas, o Chile sofreu muito.

Ele foi o país mais afetado pela perda de cotação das commodities do Terceiro Mundo na primeira metade desta década. Cerca de 50% das exportações chilenas são de cobre. Entre 1980 e 1985, porém, a cotação do metal caiu 35% no mercado internacional, em parte devido à superprodução gerada pela empresa estatal chilena, a Codelco, reconhecidamente a produtora de cobre com custos mais baixos no mundo. No mesmo período a produção da Codelco aumentou 27%.

O regime ditatorial permitiu a manutenção de baixos salários por muito tempo. A inflação, que vinha sendo de 129% ao ano em média nos quinze anos que precederam a 1980, caiu desde então para 20,6% anuais, e chegou a superar por pouco os 10% no ano passado. A previsão para o corrente ano é oficialmente de 10%, mas acredita-se que chegue ao dobro. Ainda assim será menor que as duas últimas taxas menais no Brasil.

A população chilena de 12,5 milhões de habitantes em 1987 já era menor que a do Estado de Minas Gerais no censo de 1980. Seu Produto Nacional Bruto (PNB) cresceu 0,2% ao ano em média entre 1965 e 1987, uma média bem inferior à brasileira de 4,1%. A expectativa oficial chilena é de um crescimento do PNB entre 5 e 6% neste ano.

Durante os anos de ajuste financeiro, de 1981 a 1985, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do país caiu 9,1%, três vezes mais que o do Brasil. Em 1986, porém, os chilenos tiveram um crescimento positivo de 3,2% contra os 5,7% brasileiros.